

FECUNDIDADE: UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DO COMPORTAMENTO REPRODUTIVO DAS MULHERES DO BRASIL, REGIÃO NORTE, AMAZONAS E BOCA DO ACRE NO ANO DE 2010¹

Raimunda Nonata da Silva Ferrreira²

Sara Vale Dutra³

Elizangela Leão Santana⁴

RESUMO

Uma compreensão sobre a determinante fecundidade pode ser utilizada como orientação na formulação de políticas socioeconômicas, que têm como objetivo amenizar os níveis de pobreza e promover o crescimento econômico. O presente trabalho justifica-se por este ser um assunto atual e desafiador, apesar de haver estudos a respeito do tema é sempre relevante à busca por uma maior exploração deste assunto, a fim de proporcionar maior conhecimento sobre as transformações pela qual passa a dinâmica demográfica no país. Nos últimos anos houve no Brasil uma redução da taxa de fecundidade. Diante disso pode-se perguntar: a redução da taxa de fecundidade no Brasil é um resultado consciente e deliberado de uma ação proposital, ou existe uma variável que possui peso realmente relevante para essa decisão? A partir deste questionamento o objetivo deste trabalho é conhecer algumas das causas determinantes ou condicionantes sociais que interferem na taxa de fecundidade da população feminina, tendo como foco espacial o Brasil, Região Norte, Amazonas e Boca do Acre utilizando microdados retirados do Censo Demográfico de 2000 e principalmente de 2010 e cruzados no programa computacional REDATAM. Os principais resultados obtidos através da pesquisa indicam que a taxa de fecundidade total no Brasil ficou abaixo do nível de reposição em 2010. Na Região Norte, no Amazonas e em Boca do Acre, a Taxa de Fecundidade Total continua elevada, em média cada mulher tem de 2 a 3 filhos. A relação entre educação e fecundidade tem um relacionamento negativo, porém, em Boca do Acre, a diferença na taxa de fecundidade entre as mulheres com grau de instrução maior é insignificante em relação as que possuem menor nível de instrução. Na variável raça/cor as mulheres indígenas possuem o maior número de filhos, mas em Boca do Acre a população negra é que detém a maior Taxa de Fecundidade Total. A situação conjugal das mulheres também pode influenciar na TFT. A pesquisa revelou que maior índice está entre as mulheres casadas. Os resultados obtidos com este estudo são importantes, pois contribuem para uma melhor compreensão da taxa de fecundidade, das transformações na dinâmica demográfica, para a melhoria de políticas públicas e para a previsões de cenários socioeconômicos futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, Fecundidade, Declínio.

¹ Artigo de conclusão de curso solicitado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Escola de Ciências Sociais - ESO da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Boca do Acre/AM, Maio de 2015.

² Graduando no curso de Bacharel em Ciências Econômicas/UEA.

E-mail: nonataferreira9@gmail.com.br

³ Graduando no curso de Bacharel em Ciências Econômicas/UEA.

E-mail: sarah.dutra0@gmail.com.br

⁴ Msc. em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Professora Assistente do Curso de Ciências Econômicas na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

E-mail: elizleao@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O crescimento populacional é sem dúvida um assunto importante no desenvolvimento econômico de toda uma nação. A fecundidade por sua vez é uma das determinantes na dinâmica demográfica de uma sociedade, assim como a mortalidade e a migração. No Brasil, desde século XIX, tanto os níveis de fecundidade como os de mortalidade oscilavam em patamares regularmente elevados, mesmo apresentando pequeno declínio na fecundidade (IBGE 2009). Os estudos dos Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil realizados pelo IBGE em 2009 demonstraram que o comportamento reprodutivo das famílias brasileiras durante esse período caracterizava-se por uma concepção significantemente numerosa, típica das sociedades agrárias e com baixo grau de urbanização. Até mesmo durante o processo de industrialização este fenômeno persistia. Sendo assim, nos anos 40, somou-se então a este fato a redução da mortalidade, ocorrendo então um forte crescimento populacional. O quadro de mudança começa a acontecer a partir das décadas de 60 a 70 quando esse fenômeno começou a reduzir devido às quedas expressivas no nível de fecundidade.

A relação entre os níveis de fecundidade e os fatores socioeconômicos varia no tempo e no espaço, por isso na Região Norte, o declínio da fecundidade ocorreu posteriormente ao verificado nas demais Regiões brasileiras, visto que, na Região Norte o processo de desenvolvimento aconteceu lentamente e é economicamente menos desenvolvida se comparada às demais regiões do país. Enquanto as outras Regiões já apresentavam reduções significativas nas taxas de fecundidade, no Norte do país os níveis permaneceram elevados até o fim dos anos 70, só após esse período, passou a vivenciar declínios na TFT, sendo mais relevantes nas décadas de 80 e 90. Esse declínio na taxa de fecundidade, mesmo com menor intensidade, pode ser observado até os dias atuais (SANTIAGO 2012).

Estudos realizados por Pazello e Fernandes em 2004 indicam que o perfil da população feminina vem mudando na sociedade brasileira, constantemente as mulheres estão buscando melhorar seu nível de instrução e conquistar mais espaço no competitivo mercado de trabalho, fazendo com que sua renda melhore, e esse fato altera de maneira negativa a Taxa de Fecundidade Total (TFT), um fator importantíssimo para a análise da dinâmica demográfica que consiste em uma estimativa do número médio de filhos que uma mulher tem ao longo da vida.

O cenário nacional passou por inúmeras transformações sociais e culturais ao longo dos anos, e segundo dados do IBGE a Taxa de Fecundidade Total (TFT) no ano de 2010,

chegou de fato a 1,9 filhos por mulher em média, ficando abaixo do Nível de Reposição da População que é de 2,1 filhos por mulher.

O presente trabalho justifica-se por este tema ser um assunto atual e desafiador, apesar de haver alguns estudos no Brasil a respeito do tema escolhido, no município de Boca do Acre até então o tema fecundidade havia sido poucas vezes mencionado, e é sempre relevante à busca por uma maior exploração deste assunto a fim de proporcionar maior conhecimento sobre a dinâmica demográfica do município e ajudar na previsão de cenários socioeconômicos futuros.

O objetivo geral deste estudo é analisar o comportamento reprodutivo mediante a TFT (Taxa de Fecundidade Total) das mulheres no Brasil, Região Norte, Amazonas e Boca do Acre. Para isso propõe-se como objetivo específico avaliar a TFT a partir de algumas variáveis socioeconômicas (nível de escolaridade, situação conjugal, raça/cor) no comparativo para o Brasil, Região Norte, Amazonas e Boca do Acre, para as mulheres que responderam ao Censo Demográfico de 2010.

O município de Boca do Acre que está localizado na região sul do Estado do Amazonas, distante da capital Manaus, cerca de 1.500 km, devido a essa distância o município é altamente dependente de Rio Branco capital do Estado do Acre. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014 a estimativa era de que a população chegasse a 33.148 habitantes, com uma área territorial de 21.951.264 km². O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) era de 0,588 em 2010. O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano considerado baixo (IDHM 0,5 e 0,599). Boca do Acre não possui indústrias significativas, a economia local é baseada na pecuária. Segundo dados do Atlas de Desenvolvimento Humano, em 2010, o indicador Educação foi o que mais cresceu em termos absolutos (com o crescimento de 0,266 em comparação a 2000), seguido por longevidade e por renda. A mortalidade infantil (mortalidade de crianças com menos de um ano) em Boca do Acre reduziu 54%, atingindo 21,1 por mil nascidos vivos em 2010.

2. METODOLOGIA

O método utilizado para a realização deste estudo é analítico-crítico. No primeiro momento, utilizamos literaturas existentes sobre o tema relatado na pesquisa: livros, revistas, artigos científicos publicados, jornais, buscando autores e pesquisadores que abordam sobre tema para nos dar base para as discussões levantadas durante a pesquisa, e colocar em debate as principais ideias referentes ao tema. Utilizamos para este estudo 36 referências (do ano de 1973 a 2014). Para alcançar o objetivo proposto utilizamos amostra de microdados retirados

do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do ano de 2000 e 2010.

Para melhor compreender como ocorre a relação da fecundidade com as variáveis trabalhadas, foi escolhido como público alvo desta pesquisa as mulheres do Brasil, Região Norte, Amazonas, e principalmente do município de Boca do Acre que responderam ao Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2010, e que estavam em idade reprodutiva (que são aquelas mulheres entre 15-49 anos). No ano escolhido para análise as mulheres que estavam em idade reprodutiva no município de Boca do Acre totalizavam 7.376 mulheres (IBGE 2010).

São inúmeros os fatores socioeconômicos que influenciam a taxa de fecundidade, neste estudo inicialmente foi analisado a Taxa de Fecundidade Total (TFT) a nível nacional, Região Norte, Estado do Amazonas e posteriormente analisada para o município de Boca do Acre onde foi cruzada com as variáveis socioeconômicas para cada cenário de análise escolhido, sendo elas: Nível de Instrução (mulheres com 0-4 anos de estudo *versus* mulheres com 11 anos ou mais de estudo), Raça/Cor (mulheres brancas, pretas, amarelas, pardas e indígenas) e Situação Conjugal (mulheres casadas, divorciadas, desquitadas, viúvas e solteiras).

A extração dos dados do Censo Demográfico do ano de 2010 foram retirados e cruzados pelo programa computacional livre *Recuperação de Dados para Áreas Pequenas Por Microcomputador - REDATAM*, produzido e oferecido gratuitamente pelo Centro Latino-Americanano e Caribenho de Demografia (CELADE). Após a extração dos dados utilizados foram construídos gráficos no programa de editor de planilhas Microsoft Office Excel, programa criado pela empresa Norte-Americana Microsoft.

Existem dois indicadores de fecundidade: A Taxa de Fecundidade Total (TFT) que consiste em uma estimativa do número médio de crianças nascidas vivas que uma mulher tem ao longo do período de fertilidade entre as idades de 15 a 49 anos e a Taxa Específica de Fecundidade (TEF) se refere ao número médio de filhos que uma mulher de uma determinada faixa etária teria em um ano.

De acordo com Carvalho (1998) a TFT pode ser descrita na fórmula:

$$TFT = 5X \sum TEF(i)$$

$$TEFi = \frac{NVi}{Mi}$$

Onde:

TFT: Número médio de filhos nascidos vivos de uma mulher ao final de seu período reprodutivo, mantidas as taxas específicas de fecundidade no momento dos levantamentos que geraram os dados;

TEF (i): Taxa específica de fecundidade do grupo etário i ;

i : Grupo quinquenal de idade. (Consideram-se sete faixas etárias: 15-19, 20-24, 25-29, 30-34, 35-39, 40-44 e 45-49 anos);

NV_i: Número de filhos nascidos vivos de mulheres da faixa etária i ;

M_i: Quantidade de mulheres na faixa etária i .

O principal indicador de fecundidade utilizado para este estudo foi o da Taxa de Fecundidade Total (TFT).

Ainda, no estudo da reprodução, a TFT pode ser interpretada como a relação entre o total de filhos nascidos vivos de mães sobreviventes no final do período reprodutivo e o tamanho, neste mesmo momento, da geração de mulheres a qual pertencem suas mães. (CARVALHO, 1998).

Para a correção nos cálculos da Taxa de Fecundidade Total, foi adotado o Método P/F de Brass, desenvolvido originalmente por Willian Brass (Brass & Coale, 1973), que pressupõe a existência de erros nos dados. Ele permite avaliar a precisão desses dados empregados, bem como estimar medidas de fecundidade para regiões com informações insuficientes.

3. A FECUNDIDADE TOTAL E SUAS VARIÁVEIS DETERMINANTES

A dinâmica demográfica consiste, em linhas gerais, como componentes a natalidade (e a fecundidade), mortalidade e migração. Diante desses componentes é possível observar sua relação com os fenômenos que alteram essa dinâmica de forma natural. Porém, fenômenos sociais também podem explicar essa relação, constituindo-se do que poderíamos chamar de suas causas determinantes ou condicionantes sociais.

O nível necessário para a reposição da população é 2,1, onde Beltrão et al (2004) afirma que:

“É o nível de fecundidade no qual uma coorte de mulheres tem o número de filhos suficientes para “repor” a si mesmas na população. Uma vez alcançado o Nível de Reposição, os nascimentos gradualmente atingem o equilíbrio com as mortes e na ausência de imigração e emigração, uma população finalmente parará de crescer e se tornará estacionária.” (pág.68).

Segundo Damiani (1991), a fecundidade, em princípio, sofreria a variação da idade de casamento, que por sua vez, sofre a influência de fatores culturais (religiosos), econômicos (como crise econômica e atraso da idade de matrimônio), e políticos (como a política demográfica da China, que penalizava casais com mais de um filho).

No Brasil a TFT está em declínio (Gráfico 1), fatores como urbanização, educação, mercado de trabalho, renda e programas sociais governamentais estão a influenciar as mulheres a terem cada vez menos filhos. (SIMÕES, 2006; SANTOS, SOUSA, TEJADA, JACINTO, 2009; HASHIMOTO, SIMÕES, 2012; LOPES, PONTILI, 2007).

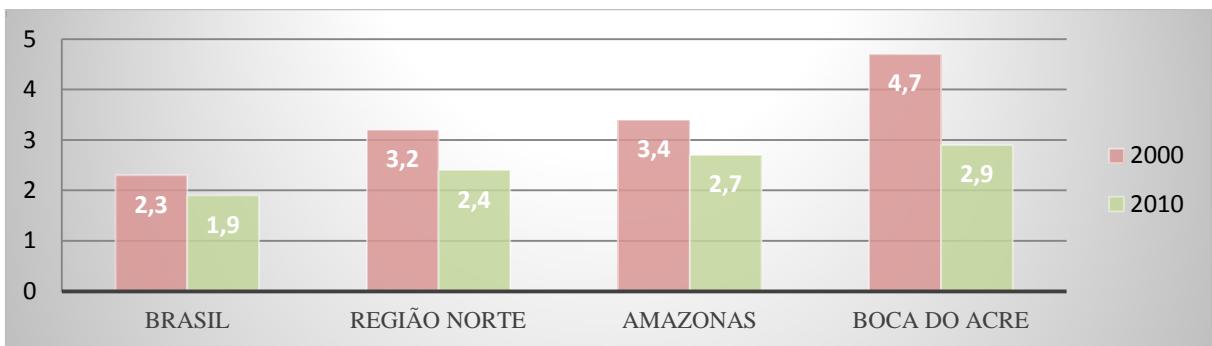


Gráfico 1- TFT no Brasil, Região Norte, Amazonas, e Boca do Acre nos anos de 2000 – 2010.

Fonte: Atlas 2000 e Censo 2010- Estimativas elaboradas pelas autoras.

A Taxa de Fecundidade Total da população brasileira e da Região Norte apresentaram tendências semelhantes desde a década de 1940, período em que a taxa de fecundidade apresentava-se ascendente, e a partir do ano de 1960 observou-se na TFT tendências declinantes para todas as Regiões do Brasil. Porém, os níveis de fecundidade no país possuem tendências declinantes diferenciadas, como é o caso da Região Norte que possui uma TFT em termos proporcionais, superior a do Brasil. Isso denota que apesar da taxa de fecundidade apresentar-se decrescente a níveis nacionais, como é possível observar no Gráfico 2, a Região Norte ainda detém a maior fecundidade do Brasil (BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004).

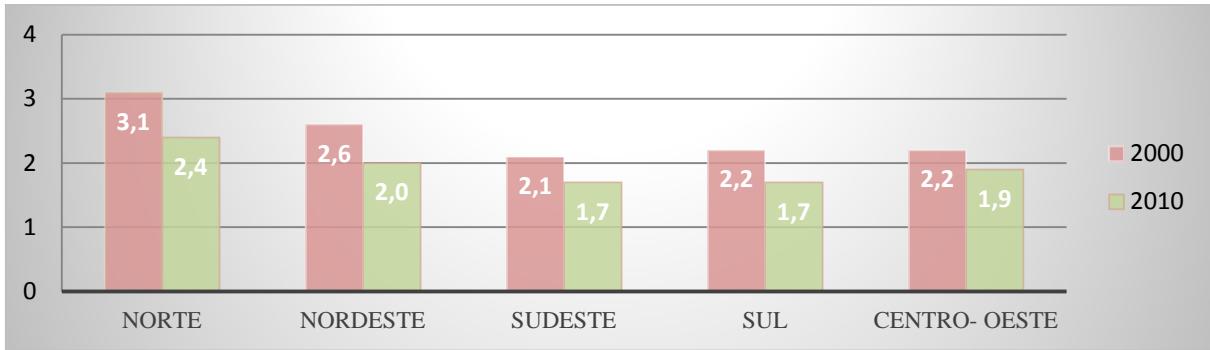


Gráfico 2- TFT segundo as grandes regiões brasileiras em 2000 – 2010.

Fonte: Censo Demográfico 2000/2010- Estimativas elaboradas pelas autoras.

No Estado do Amazonas, a fecundidade apresenta uma característica semelhante a da Região Norte. E mesmo apresentando um patamar relativamente elevado, o nível de fecundidade estadual vem passando pela mesma transição que tem sido observada ao longo dos anos nos demais estados do Brasil. Não obstante, o município de Boca do Acre também vem experimentando transformações no seu padrão reprodutivo. O Gráfico 1 evidencia a TFT do Brasil em 2010 que chegou a 1,9, inferior a 2,1 (taxa ideal de reposição da população). A Região Norte, Estado do Amazonas e principalmente o município de Boca do Acre ainda apresentam níveis bem acima do nível de reposição populacional apesar de ao longo dos anos apresentarem declínios consideráveis em suas TFTs.

3.1 A TFT SEGUNDO O NÍVEL DE INSTRUÇÃO DAS MULHERES

O nível de instrução é uma variável que influencia na escolha das mulheres em ter filho ou postergar a maternidade, isso porque as mulheres com maior grau escolaridade tendem a possuir empregos com melhores salários, aumentando desta forma a sua renda familiar, e mais provida de informações, essas mulheres melhoraram sua saúde e de seus filhos diminuindo a mortalidade infantil, como afirma Filho (2010), “as mulheres com maior nível de escolaridade possuem maiores rendas e consequentemente reduzem as taxas de fecundidade e mortalidade infantil.” A teoria econômica mostra que a saúde tem efeitos diretos e indiretos sobre a renda e o crescimento econômico. O efeito direto se dá na saúde como uma forma de capital humano. Os efeitos indiretos são oriundos da educação ou grau de instrução (outro componente do capital humano) e do capital físico (JACINTO 2012; SANTOS 2012; TEJADA 2012).

A educação no Brasil tem passado por profundas transformações desde o final dos anos de 1970 e início de 1980, quando começou no país o processo de expansão da escolarização básica em termos de rede de ensino público. (BITTAR 2006; FERREIRA 2006). No século

XIX havia uma participação tímida das mulheres nas escolas, essas que exerciam seus papéis principais como esposas, mães e donas de casa. No decorrer dos anos elas se tornaram presença majoritária em todos os níveis de escolaridade e são maioria nas universidades de todo o país, como relata RISTOFF (2006): “elas são maioria em quase todos os níveis de ensino, especialmente nas universidades; têm um tempo médio de estudos superiores aos dos homens, tornando-se cada dia mais alfabetizadas; e apresentam um desempenho escolar, em vários níveis, comparativamente melhor que os homens”.

O Censo do Ensino Superior de 2010, produzido pelo Ministério da Educação, revelou que as mulheres ocupam 57% das matrículas. O mesmo acontece na conclusão dos estudos, elas são maioria na graduação brasileira, pois 60% das pessoas que concluem os cursos universitários são mulheres (ALBERTON 2010; CASTRO 2010; EGGERT 2010; FERRARI 2013; OST 2013). A diferença é de 8,7% entre os sexos, já com as mulheres na liderança, em 1996, saltou para 12,8% em 2003. O crescimento observa-se em todas as regiões do país, com destaque para a região Norte que saltou de 3,9% para 21,2%.

Apesar de apresentar realidades bastante distintas de acordo com as suas condições socioeconômicas, o perfil da família brasileira está menor de um modo geral. É possível observar ao longo dos anos que o comportamento reprodutivo das mulheres brasileiras mudou, e por consequência houve o declínio da fecundidade. Segundo Faria e Potter (1994) isso é resultado de uma interação de natureza econômica e também social.

Se considerarmos como exemplo os extremos no nível educacional do país, comparando mulheres que possuem menos de 4 anos de estudo *versus* mulheres com 11 anos ou mais de estudo, é possível constatar que ainda que venham diminuindo a taxa de fecundidade ao longo dos anos, a diferença entre ambos ainda é considerável em alguns lugares do território nacional como observado no Gráfico 3.

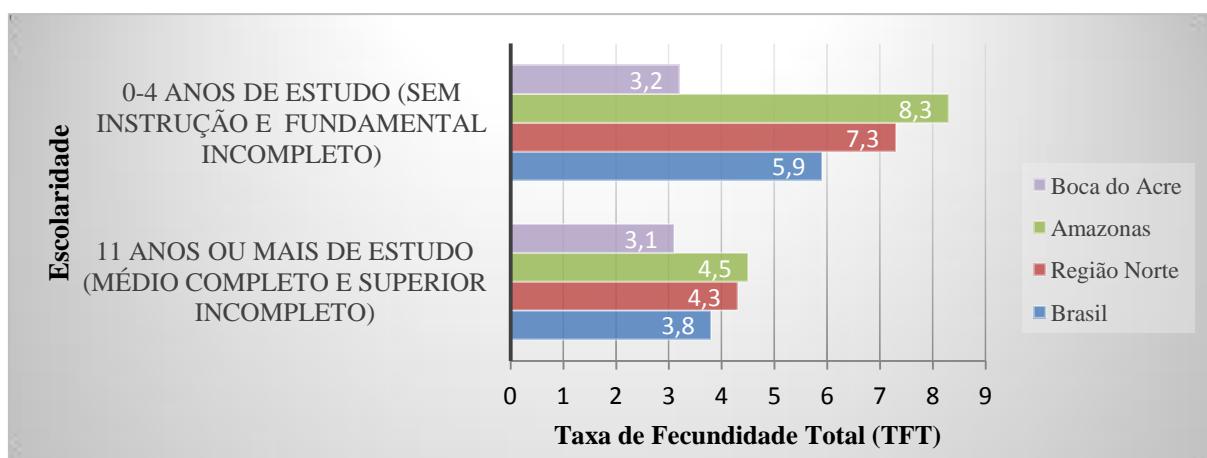


Gráfico 3- TFT segundo Nível de Instrução - Brasil, Região Norte, Amazonas, Boca do Acre em 2010.
Fonte: Censo Demográfico 2010 - Estimativas elaboradas pelas autoras.

Entre as mulheres de 0-4 anos de estudos (mulheres sem instrução ou ensino fundamental incompleto) o número de filhos é muito maior que as que possuem 11 anos ou mais de estudo (mulheres com ensino médio completo ou superior incompleto). No Brasil, diversos estudos relataram a existência de um relacionamento negativo entre a educação da mulher e a fecundidade (MARTINE, 1996; MERRICK, BERQUÓ, 1983). O Estado do Amazonas apresentava uma taxa de fecundidade bastante elevada entre as mulheres sem instrução e ensino fundamental incompleto que tinham em média 8 filhos, tendência acompanhada pelas mulheres na Região Norte que também possuíam um número elevado de filhos. No Brasil a taxa de fecundidade chegava a 5,9 filhos por mulher, o menor índice de fecundidade era do município de Boca do Acre onde as mulheres tinham em média 3,2 filhos. Nas mulheres que tinham 11 anos ou mais de estudo, o Amazonas continuava com o índice maior, cerca de 4 filhos por mulheres, seguido pela região Norte e Brasil. O município de Boca do Acre como evidencia o Gráfico 3, foi o único dentre os espaços analisados que praticamente não apresentou diferença entre o número de filhos das mulheres que tinham de 0-4 anos de estudo e aquelas que possuíam acima de 11 anos de estudos, ou seja, para a população feminina estimada no ultimo Censo do IBGE que reside no município, o grau de instrução praticamente não interfere em sua decisão de ter ou não filho, uma vez que a taxa de fecundidade para ambos os graus de escolaridade é basicamente a mesma, cerca de 3 filhos por mulher.

3.2 A TFT DE MULHERES POR RAÇA/COR

Raça/cor é uma variável na qual demonstra que a TFT é diferente para cada categoria. Branco, preto, pardo, amarelo e indígena são as cinco categorias de pertencimento racial e essa diversidade é uma característica marcante no Brasil. Estudos demonstram que a TFT sofre alterações segundo a raça/cor das mulheres. Incorporado a essa variável, pesquisas mostram que em 2000, mais de 50% da população branca já se encontrava em regime de fecundidade abaixo do nível de reposição, mas somente 29% das negras encontravam-se nesta situação (BERQUÓ e CAVENAGHI, 2014).

Na verdade, poucos países no mundo passaram por uma miscigenação tão intensa quanto o Brasil, porém sua população soava insatisfeita com as categorias de cor e termos usados para diferenciar a raça/cor fazendo com que os números estatísticos de pesquisas de anos anteriores a 2010 sejam mais questionados, visto que o número de pessoas que se consideravam negras eram baixos. Mas em 2010 pela primeira vez na história, o Censo demonstrou que a população negra e parda é maioria no país: 50,7% de um total de 190.732.694 pessoas.

Pesquisas feitas por Berquó e Cavenaghi (2014) demonstraram que a TFT entre as mulheres brancas era de 2,1 em 2000 e passa a 1,7 em 2010. Já entre a população negra, a fecundidade alcançou o nível de reposição somente em 2010. Demonstra-se então, que as mulheres brancas tendem a ter menos filhos, independente das regiões do país.

Uma observação interessante é que no ano de 1960 as mulheres pretas tinham uma fecundidade menor que as mulheres dos outros grupos de cor, porém isso se dava devido a maior proporção de mulheres pretas sem filhos, e não a sua prolificidade, que era igual a das mulheres brancas em 1940, e maior que a destas mulheres nos anos de 1950 e 1960. Observa-se então que as mulheres pretas em 1960 sem filhos eram 43,6, enquanto mulheres brancas somavam apenas 37,1 (BERCOVICH, 1989).

Segundo o Censo de 2010, a fecundidade total das mulheres indígenas, se comparadas às não indígenas apresentaram um nível elevado, cerca de 3,8 filhos por mulher, ressaltando que em 2000 a TFT das mulheres indígenas eram 3,9, ou seja, não sofre significante alteração ao longo dos 10 anos, continuando com nível elevado se comparada as mulheres não indígenas. E embora existam muitos autores que apontam os motivos de declínio na TFT das mulheres brasileiras, não se pode afirmar o mesmo para as mulheres indígenas, apesar da população indígena também está inserida no processo de transição demográfica, porém acontecendo de forma mais tímida e em ritmos lentos (CRUZ, SILVA, BARBOSA, FRANÇA, TEIXEIRA, 2014).

Berquó e Cavenaghi (2004) afirmam que as mulheres com regime de fecundidade igual ou superior a 5 filhos de um total de 2.906.193 mulheres nesta situação, em 2000, 73,9% são auto declaradas negras, 70,7% vivem no Norte ou Nordeste e, 54,4% são de zonas rurais.

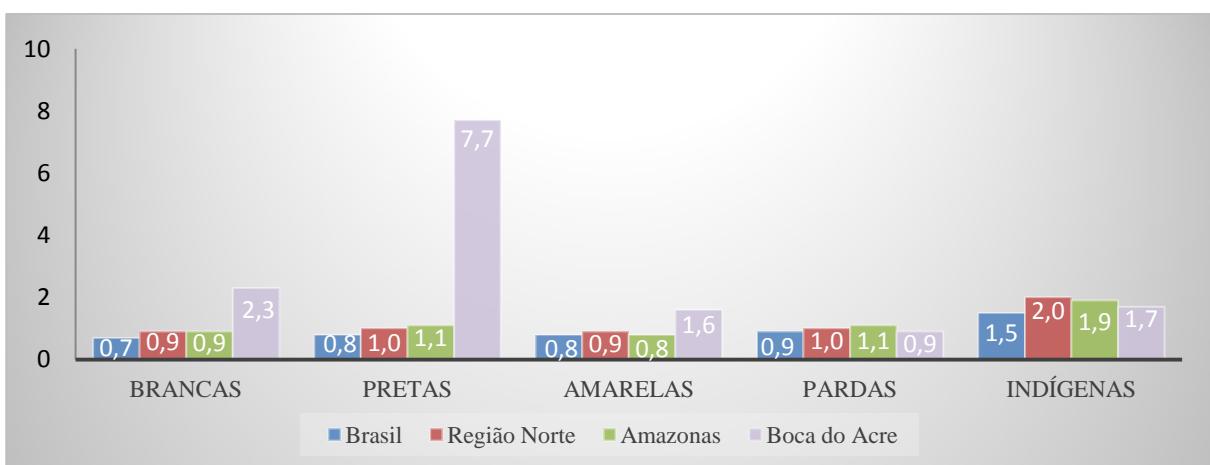


Gráfico 4 - TFT segundo Raça/Cor - Brasil, Região Norte, Amazonas e Boca do Acre 2010.
Fonte: Censo Demográfico 2000 - Estimativas elaboradas pelas autoras.

Estudos apontam que a taxa de fecundidade sofre alterações de acordo com a raça/cor das mulheres. É importante ressaltar que no Censo Demográfico de 2010 cerca de 96% dos

entrevistados afirmaram não saber fazer a autoclassificação de sua própria raça ou cor, sendo que a maioria se intitulou morena ou parda (IBGE 2010).

Analisando o Gráfico 4, é possível observar que no Brasil as mulheres brancas, amarelas e pardas, tem níveis semelhante e bastante baixos, o índice maior fica entre a população indígena, onde tradicionalmente essas mulheres costumam ter mais filhos se comparada as outras que não são indígenas. A Região Norte e o Amazonas seguem as mesmas características encontradas no Brasil, sendo que, o índice maior de fecundidade também é das mulheres indígenas. O município de Boca do Acre apresentou uma tendência diferente das observadas nas outras regiões analisadas. O menor índice é 0,9 encontrado nas mulheres pardas. As mulheres indígenas e amarelas tem níveis de fecundidade aproximados, já as mulheres brancas apresentam um índice de 2 filhos em média por mulher. As mulheres pretas por sua vez foram as que tiveram um maior índice, chegando a taxa de fecundidade total de 7 filhos, um índice bastante elevado para os padrões de fecundidade existentes no país, chegando próximo aos níveis de fecundidade observados na década de 1960. Uma das explicações para essa fecundidade elevada entre as mulheres pretas no município de Boca do Acre está no tamanho pequeno da amostra para esse grupo de mulheres. Apesar do ajuste no método de BRASS, o tamanho dessa amostra disponibilizada no Censo 2010 refletiu consideravelmente no resultado do cálculo.

É importante que também se faça um resgate histórico sobre quantitativo elevado da fecundidade entre as mulheres pretas nas últimas décadas, uma vez que o Brasil foi o último país do mundo a eliminar a escravidão, com isso é evidente que o país tenha uma importante dívida com a população afro descendente e apesar da constituição de 1988 buscar direitos iguais para todos, ainda há lutas para que suas palavras sejam fatos. Historicamente a população negra é vulnerável, discriminada e marginalizada, sendo frequentemente associada à criminalidade e à pobreza. A falta de acesso a bens e serviços evidentemente deixa esse grupo à mercê da força de vontade individual e da resiliência ao lidar com os entraves impostos pela organização social. E isso ainda reflete na ascensão social tardia das mulheres negras, das falta de oportunidade para essas mulheres, fazendo com que seu índice de fecundidade seja maior, visto que a maioria é desprovida de elevados níveis de escolaridades, de bons postos de trabalho e por consequência possuem menores rendas. Para Marx, apud Damiani (1991), o pobre não é somente aquele privado de recursos, mas aquele incapaz de se apropriar dos meios de subsistência, por meio do trabalho.

3.3 A TFT DE MULHERES POR SITUAÇÃO CONJUGAL

A situação conjugal das mulheres também é alvo de pesquisas para demonstração do nível de fecundidade, uma vez que o número de filhos pode variar segundo o estado civil da população feminina, onde tradicionalmente as mulheres unidas são as maiores responsáveis pelo número de filhos, e as mulheres não unidas apresentam um número de filhos bastante reduzido na dinâmica populacional. No ano de 2000 as mulheres em união consensual revelaram-se com as taxas de fecundidade mais elevada que aquelas mulheres casadas no civil/religioso e também que as das desquitadas, separadas e viúvas. (SANTIAGO, 2012). Segundo Alves (1994) esta situação talvez decorra do fato de que as mulheres em união consensual muitas vezes já tiveram outras uniões amorosas, tendo assim um número maior de filhos.

A união consensual ocorre quando uma pessoa vive em companhia do cônjuge, sem ter contraído o casamento civil ou religioso. Embora os casais que se envolvam em união consensual sejam pessoas de todas as idades (10 anos ou mais), são os mais jovens os mais encontrados nesse tipo de união e é entre eles que se encontra a maior incidência de fecundidade (LAZO e MORAES, 2004).

A união consensual é tradicionalmente mais procurada pelas mulheres mais pobres, e esse fenômeno tinha uma maior intensidade entre as décadas de 1950 e 1960. A inconstância que é bem característica da juventude, relacionada à percepção da instabilidade da união vínculo conjugal, tende a levar os jovens a buscar formas de união mais condizentes com seu estilo de vida. (BERQUÓ, 1998). A Lei 9.278/96 dispõe sobre união estável, onde se reconhece como entidade familiar a relação duradoura e contínua entre um homem e uma mulher. Portanto, no Brasil leva-se em consideração a situação conjugal das mulheres na tomada de decisão quanto ao tamanho da prole que a mulher pretende ter ao longo da vida reprodutiva.

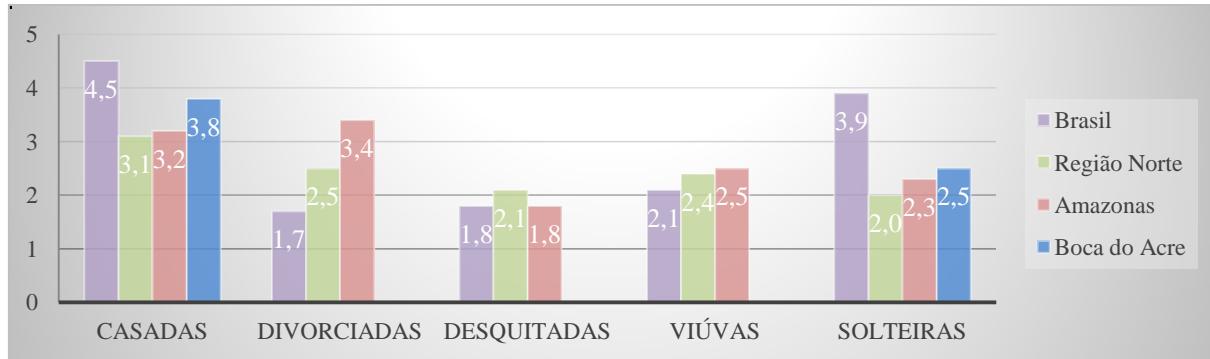


Gráfico 5 - TFT segundo Situação Conjugal no Brasil, Amazonas, Região Norte e Boca do Acre – 2010.

Fonte: Censo Demográfico 2000 - Estimativas elaboradas pelas autoras.

Analizando a fecundidade segundo o tipo de união conjugal em Boca do Acre, observa-se no Gráfico 5, que as mulheres casadas em 2010 seguiram a mesma tendência de fecundidade verificada para o Brasil, sendo que nesse tipo de união as mulheres possuem uma TFT sempre mais elevadas. A TFT das mulheres divorciadas no Amazonas divergiu do que pregam as teorias, demonstrando que a fecundidade das mulheres divorciadas no estado foi maior do que a das mulheres casadas. A TFT de maior expressão entre as mulheres desquitadas está na Região Norte, e das viúvas no Amazonas. Para o município de Boca do Acre os dados de fecundidade das mulheres divorciadas, desquitadas e viúvas foram insignificantes para o tamanho da pesquisa.

Ainda sobre o Gráfico 5, evidenciou-se que as mulheres solteiras no Brasil possuíam em 2010 um número expressivo da TFT, ficando apenas 13,4% abaixo da TFT para as mulheres brasileiras casadas que detêm comumente as maiores taxas de fecundidades. Para Boca do Acre a taxa de fecundidade das mulheres solteiras ficou acima das mulheres da Região Norte e Amazonas, porém sem expressiva diferença, permanecendo consideravelmente abaixo da TFT das mulheres casadas o que vai ao encontro das teorias demográficas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou as tendências da fecundidade para o Brasil, Região Norte, Amazonas e para o município de Boca do Acre. A Taxa de Fecundidade Total do Brasil demonstrou variações bastante acentuadas no decorrer dos anos, e apresentou uma queda de 21% no período de 10 anos, influenciado principalmente por fatores socioeconômicos, pela elevação dos níveis educacionais do país, situação conjugal, raça/cor das mulheres e sua inserção no mercado de trabalho.

Com base nos resultados obtidos com a pesquisa, é possível constatar que a educação das mulheres no Brasil, na Região Norte e no Amazonas podem influenciar na decisão de

terem ou não filhos, uma vez que a TFT é maior entre as mulheres que possuem nível de instrução de 0-4 anos de estudo. Com relação às mulheres que possuem 11 anos ou mais de estudos a TFT cai pela metade. No município de Boca do Acre, a questão do nível de instrução não influencia na Taxa de Fecundidade Total das mulheres, uma vez que não apresenta diferenças significativas entre elas na pesquisa.

Com relação à raça/cor, os índices de fecundidade apresentados são basicamente os mesmos para a população brasileira, Região Norte e Amazonas, onde a TFT se mantém elevada entre a população indígena. Ao observar os dados para o município de Boca do Acre, os maiores índices estão entre as mulheres brancas e principalmente entre as negras que tem em média 7 filhos ao longo de sua vida reprodutiva, um índice extremamente elevado para os padrões de fecundidade observados nos últimos anos.

A análise sobre a situação conjugal das mulheres também demonstrou sua interferência na Taxa de Fecundidade Total. No Brasil as mulheres casadas são as que possuem mais filhos, seguido pelas solteiras, a Região Norte e no município de Boca do Acre as casadas são as que possuem mais filhos. No estado do Amazonas essa tendência se modifica e as mulheres solteiras passam a ter uma maior taxa de fecundidade se comparadas às demais situações civis analisadas na pesquisa. No município de Boca do Acre a Taxa de Fecundidade Total foi insignificante para as mulheres divorciadas, viúvas, e desquitadas.

Após o estudo foi possível observar que o comportamento reprodutivo das mulheres do município de Boca do Acre levando em consideração o nível de escolaridade, raça/cor, e situação conjugal possui características diferenciadas. Apesar de apresentar forte declínio a taxa de fecundidade se mantém elevada na Região Norte, Amazonas e Boca do Acre, somente no Brasil a taxa de fecundidade ficou abaixo do esperado. E essa redução na TFT representa um sério risco de não renovação populacional. Pois, a queda da fecundidade contribui para a transição demográfica e acarreta uma alteração na estrutura etária da população, reduzindo inicialmente o peso das crianças e aumentando no peso dos adultos dentro da pirâmide etária, consequentemente aumentando o número de idosos (Alves, 2004). Essa inversão da pirâmide etária, seguida do aumento e crescimento da expectativa de vida fará com que em 20 anos a população idosa seja muito maior que a mão de obra jovem, situação que a muito tempo é enfrentada por países europeus onde os idosos são responsáveis por uma maior parcela da população.

Alves (2004) defende a teoria do Bônus demográfico, que nada mais é que a capacidade quantitativa em mão de obra jovem como potencial de crescimento econômico. O autor alega ainda, que essa janela de oportunidade do Bônus Demográfico acontece uma única

vez em todos os países e, que o Brasil está no ponto ótimo de sua capacidade de mão de obra jovem favorável, porém esse quadro tende a mudanças a partir de 2030. Em suma, a fecundidade como uma das determinantes que compõe a dinâmica demográfica de uma sociedade é de extrema relevância quanto à análise econômica a partir da ótica dos estudos populacionais.

Apesar da taxa de fecundidade total está baixa para a maioria da população, ainda é possível encontrar no Brasil lugares onde a fecundidade atinge patamares próximos aos apresentados no país na década de 1960, porém essa parcela da população é cada vez menor. É maior o número de lugares em que o percentual da taxa de fecundidade se encontra abaixo dos níveis de reposição. Essa nova realidade demográfica no país traz consequências sociais e econômicas. Com este estudo ressalta-se a importância de políticas públicas voltadas a área de reprodução e também educação uma vez que a escolarização da população aumenta não somente sua renda familiar, mas também a qualidade de vida das mulheres e de seus filhos.

Conhecer as taxas de fecundidade, seus níveis e tendências, e a estrutura por faixas etárias, e verificar quais os grupos de mulheres que tem mais filhos é extremamente importante para compreender a dinâmica demográfica do país e definir os cenários futuros para projeção da fecundidade que é o componente que mais afeta as estimativas elaboradas para a população. É esperado que a taxa de fecundidade continue a diminuir ao longo dos anos, mas tudo dependerá de como estará o cenário econômico e das políticas públicas que afetam diretamente o comportamento reprodutivo das mulheres no país.

5. REFERÊNCIAS

ALBERTON, Mirele; CASTRO, Amanda; EGGERT, Edla. **Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: Feminismo e Educação.** Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E2_N%C3%ADgia_Floresta.pdf>. Acesso em abril de 2015.

ALVES, Jed; GUEDES, Moema de Castro: **A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário (2004).**

ALVES, Jed. **Transições da fecundidade e relação de gênero no Brasil.** Tese de Doutorado Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

_____, **O Bônus Demográfico e o Crescimento Econômico no Brasil.** Texto para discussão. Escola Nacional de Ciência Estatística. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/Alves.pdf >>Acesso em: 02 de abril de 2015.

BARBOSA, Lara de Melo; CRUZ, Anna Karoline Rocha da; FRANCA, Mardone Cavalcante; SILVA, Eliana Mesquita da; TEIXEIRA, Pery. **Fecundidade das mulheres indígenas e não indígenas: uma análise com base nas informações do Censo 2010 (2014).**

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Dinâmica populacional brasileira na do século XX.** Rio de Janeiro: Ipea, 2004 (Texto para Discussão, nº. 1.034).

BERCOVICH, Alícia M. **Considerações sobre a fecundidade da população negra no Brasil (1989).**

BERQUÓ, Elza S.; CAVENAGHI, Suzana M. **Mapeamento sócio-econômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000 (2004).**

_____**Perfil socioeconômico e demográfico da fecundidade no Brasil de 2000 a 2010 (2014).**

BITTAR, Marisa; FERREIRA, Amarilio. **A Ditadura Militar e a Proletarização dos Professores (2006).** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a05v2797.pdf>>> Acesso em março de 2015.

BRASIL, REVISTA EDUCAÇÃO. **Participação das mulheres na Educação brasileira ultrapassa homens.** Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/noticias/artigo232943-1.asp>. >>Acesso em 24 de março de 2015.

BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil.** Disponível em: www.atlasbrasil.org.br/>> Acesso em: 03 de março de 2014.

BRASIL. **Glossário por Tema: População.** Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/mlateral/glossario/T_Populacao.htm.>>Acesso em>> 24 de março de 2015.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (CENSO DEMOGRÁFICOS 2000 e 2010). Disponível em: www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 03 de Outubro de 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INDICADORES SOCIODEMOGRAFICOS E DE SAÚDE NO BRASIL 2009). Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf/](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf) >> Acesso em 12 de março de 2015.

BRASIL. LEI 9.278/1996 (Lei Ordinária). Presidência da República. Disponível em: www.planalto.gov.br/. >>Acesso no dia 28 de Abril de 2015>>.

BRASS, W.; COALE, A.J. Methods of Analysis and Estimation. In: **BRASS, W.; COALE, A.J. et all. The Demography of Tropical Africa.** Princeton: Princeton University Press, chapter 3, 1973. p. 88-104.

BRUSCHINI, C.; LOMBADI, M.R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1996, Caxambu. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 1996.V.1.

CARVALHO, J. A. M.; SAWYER, D.O.; RODRIGUES, R.N. Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia. Belo Horizonte: ABEP e FJP. 1998.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR – Inep. Disponível em:<<http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior>>. Acesso em março de 2015.

CRUZ, Anna Karoline Rocha da; SILVA, Eliana Mesquita da; BARBOSA, Lara de Melo; FRANÇA, Mardone Cavalcante; TEIXEIRA, Pery. Fecundidade das mulheres indígenas e não indígenas: uma análise com base nas informações do Censo 2010. VI Congresso da Associação Latino-Americana realizado em Lima no Peru, de 12 a 15 de agosto de 2014.

DAMIANI, Amélia. População e Geografia p.35. São Paulo: Contexto, 1991.

FARIA, V.; POTTER, J. Television, telenovelas, and fertility change in Northeast Brazil. In: Seminar on Values and Fertility Change . Sion, IUSSP, 1994.

FERRARI, Thatiane. As mulheres são a maioria nas Universidades. Emancipação financeira, hierarquia social e fim do machismo entram em debate na UFRE. Disponível em: <http://www.une.org.br/2013/01/mulheres-sao-a-maioria-nas-universidades/>>. Acesso em setembro de 2014.

FILHO, Hélio Cezar Koury. Estado Nutricional das Mulheres, mães de crianças menores de cinco anos – Jordão – Acre – Brasil (2010).

HASHIMOTO, Francisco; SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX (2012).

LAZO, A. C. G. V. e MORAES, J. R. **As uniões consensuais no Estado do Rio de Janeiro em 2000: um estudo usando regressão logística.** XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu – MG. 2004

LOPES, Janete Leige; PONTILI, Rosangela Maria. **Renda familiar e educação como fatores condicionantes do aumento da taxa de fertilidade: uma análise para o Paraná (2007).**

MARTINE, G. **Brazil's Decline, 1965-95: A fresh Look at Key Factors.** Population and Development Review, v. 22, n. 1, p. 47-75, mar. 1996.

MERRICK, T. W.; BERQUÓ, E. **Determinants of Brazil's Recent Fertility Decline.** In.: The Determinants of Brazil's recent Rapid Decline in Fertility. Washington: National Academy Press, 1983, p. 79-114.. 1, p. 4-14, mar. 1989.

PAZELLO, E. T.; FERNANDES, R. **A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferença de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não têm filhos.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA, 31., 2004, João Pessoa. Anais... João Pessoa: ANPEC, 2004.

RISTOFF, Dilvo. **A trajetória da mulher na Educação brasileira.** Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5710&catid=202>. Acesso em março de 2015.

SANTIGO, Débora Ramos. **Fecundidade na Região Norte: Uma análise socioeconômica do perfil reprodutivo das mulheres nortistas (2012).**

SANTOS, Anderson Moreira Aristides dos; SOUSA, Edler Angelino de; TEJADA, César Augusto Oviedo; JACINTO, Paulo de Andrade. **Determinantes Sócio-Econômicos de fertilidade no Brasil (2009).**

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **A Transição da Fecundidade no Brasil: Análise de seus determinantes e as novas questões demográficas (2006).**

WEINBERGER, M. B.; LLOYD, C.; BLANC, A. K. **Women's Education and Fertility: A Decade of Change in four Latin American Countries.** International Family Planning Perspectives, v. 15 (1989).